

Corpos-rio(s) de professores de matemática *gays*: infância(s) e formações de sujeitos¹

Efraim de Alcântara Matos²

 <https://orcid.org/0000-0002-2422-1620>

Marcelo Bezerra de Morais³

 <https://orcid.org/0000-0003-4563-822X>

Resumo

Este artigo busca compreender os processos formativos vividos na infância, pela ótica da inquietação experiencial de docentes matemáticos *gays*. Com base na metodologia da História Oral, produz narrativas a partir do encontro de três sujeitos que narravam suas infâncias, refletindo acerca de percepções sobre a escola, a família, e os espaços físicos e sociais que os rodeavam. Narra-se uma história que não é só desses indivíduos interpelados em sujeitos pela sua sexualidade por conta da heteronormatividade. Tal texto aponta para as diversas violências simbólicas e as implicações destas na formação dos sujeitos, inclusive em suas práticas profissionais. Contribui para que o reconhecimento no outro opere como uma força social de (r)existência de sujeitos dissonantes do padrão.

Palavras-chave: Narrativas; Sexualidades Dissonantes; Processos Vivenciais.

Gay mathematics teachers' river(s)-bodies: childhood(s) and subject formations

Abstract

This article seeks to understand the formative processes experienced in childhood from the experiential inquietude of gay mathematics teachers. Producing life stories from narratives built with the methodology of Oral History, the meeting of three subjects who narrated their childhoods from perceptions about school, family, and the physical and social spaces that surrounded them, narrates a story that is not only of these individuals interpellated in subjects for their sexuality from heteronormativity. This text points to the various symbolic violences and their implications in the formation of the subjects, including in their professional practices. It contributes so that the recognition in the other operates as a social force of (r)existence of subjects dissenting from the standard.

Keywords: Narratives; Dissonant Sexualities; Experiential Processes.

¹ Este texto faz parte de uma dissertação de mestrado.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Iguatu, efraimmat@gmail.com.

³ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, marcelobezerra@uern.br.

Considerações iniciais

A construção identitária perpassa diversos processos e lugares, tanto internos quanto externos ao sujeito. Assim, os corpos vão sendo delineados por muitos eixos distintos, que confluem ou se encontram, para depois se espalharem novamente num ponto: o sujeito. Escrever sobre histórias de vida demanda muito mais do que simplesmente interpretar os excertos trazidos pelos participantes de uma pesquisa. Exige sensibilidade, vivência. Deixar-se tocar pela experiência, produzir uma nova: tentar traduzir a primeira em uma linguagem que a abarque.

Constituindo experiências labirínticas pela História Oral com Garnica (2008), este texto é uma ferida científica, um apontamento sobre uma outra forma de olhar o sujeito, de olhar a estrutura. Pensar o corpo do sujeito *gay*, mais especificamente, professor de matemática, na infância requereu uma escuta atenta. Tal ação permitiu que as palavras expressassem vida, transformando o objeto de estudo corpo com história de vida em sujeito com subjetividades e processos de subjetivação dados a partir de espaços de abjeção, fronteiras identitárias e do conhecimento.

Dialogando com diversos autores que pesquisaram sobre a sexualidade, os corpos e as vivências, como Butler (2019, 2020, 2021), Miskolci (2020), Louro (2020); Foucault (2017a, 2017b, 2017c) bem como com diversas discussões sobre representações de virilidade, gênero e violências simbólicas com Bourdieu (2019), Torres (2010), Eribon (2008), Louro (2018) e Machado (1998), discuto a produção de memória individual e coletiva (CANDAUI, 2018), sustentado pela metodologia da História Oral (GARNICA, 2008) sobre a infância narrada por três sujeitos *gays* e professores de matemática.

Essa narrativa está apresentada como uma narrativa de narrativas⁴ desse encontro de corpos-rio⁵. Talvez, para um leitor mais conservador, haja uma turbulência da escrita padrão, um estranhamento, o presenciar de um corpo (textual) estranho. Mas, nada poderia ser melhor, para representar três indivíduos interpelados em sujeitos pela sexualidade e pela memória, do que uma escrita abjeta. Esta busca criar uma rede de sentidos com o encontro de três rios, Jaguaribe, Jundiá e Potengi, rios que confluem, afluem, apenas fluem uns com os outros ou nos outros.

O texto foi se constituindo entre diálogos teóricos e empíricos e se costurou uma rede que realizava um balanço de sentidos. A escolha de se trabalhar com professores de matemática se deu, por conta do contato com os diversos enunciados que se têm sobre essa disciplina no que tange ao gênero socialmente predisposto adaptado a trabalhar com ela. Souza e Fonseca (2017) articulam diversos elementos sobre essa discussão, tendo sido um dos pontos de partida para pensar a escolha desse público. Entre tantos discursos e enunciados, há um regime de verdade que foi produzido sobre a docência em matemática e sobre a ocupação de espaços acadêmicos por mulheres e/ou seres não condizentes com as heteronormatividades construídas nesse regime, como apontam Miskolci (2020) e Butler (2015).

Logo, para habitar o espaço acadêmico, tais corpos foram sendo adequados, controlados, represados, performados a partir de conceitos (de) outros, mas também tão seus

⁴ Mobilizamos essa noção, assentados em Bolívar (2002). O autor sustenta que há dois modos pelos quais podemos lidar com dados narrativos: a partir de uma análise paradigmática ou de uma análise narrativa. Na proposta da análise narrativa, aqui empregada, há um processo de constituição de um texto narrativo, produzido com base em de todas as narrativas com as quais o pesquisador teve contato, sendo diferente dessas no que tange à forma. A análise narrativa de narrativas possibilita, portanto, elaborar uma nova narrativa, diferente das demais, mas que, de algum modo, as abarca, não sendo apenas uma mera junção de recortes.

⁵ Durante o processo de revisão do artigo, ao lê-lo, percebi que havia uma divergência quanto à forma de construir essa expressão, havia registros no plural e outros no singular. Inicialmente, sem refletir, fui adicionando o comentário “padronizar” para, no meio do texto, perceber como não era o que realmente queria. A padronização é justamente o limite que buscamos transcender nesse texto, logo não seria interessante permanecer na queda dessa armadilha. Ao perceber que havia um ato falho importante, pois os rios plurais convertiam-se em suas singularidades experienciais, a opção foi manter essa conversão de plural-singular-plural. Assim, encher-se com as histórias dos outros como forma de se esvaziar da sua para compor uma única. Traduzir numa linguagem, como uma nova matemática, para explicar a dança que é a vida, com marcações no tempo, no espaço. Enfim, um invólucro para abarcar uma parte da vida. Conceder-se o maior desejo, tornar três desejos num só, o desejo dos três de ser um que fosse compreendido e aceito.

que não se permitiam ser de outra forma. Disso, buscou-se encontrar professores de matemática *gays* que permitissem suas histórias de vida fluírem juntas, não numa reunião de grupo, mas em entrevistas individuais com temáticas relacionadas a casa, escola, docência (de matemática), experiências, violência e cores que a (história de) vida tem.

Nesse processo, diálogos se transformavam, percorrendo leituras de vida e de morte, em parágrafos teóricos de análise sem a presença física ou expressa dos rios, porém permeada por eles já que se produzia uma discussão inconsciente das temáticas que inundava a consciência na escrita. E o processo de ser narrador *inconsciente* (inconsciente e onisciente) se mostrava impossível, pois a falsa pretensão de saber tudo o que o outro é ou sente, ou até mesmo achar que se pode represar tudo isso sobre si, é tão ilusória quanto achar que esses rios não habitavam nas histórias uns dos outros, mesmo que nunca tenham se visto ou se falado em algum momento de suas vidas. Logo, o que se tem aqui são elementos que apontam formas de ser (n) o mundo.

Assumindo uma (com)posição de histórias de vida narradas, constrói-se um (com)partilhar de vivências em um texto dialógico e, literalmente, dialogado. Dessa forma, objetivando compreender os processos formativos vividos na infância a partir da inquietação experiencial de docentes matemáticos *gays*, pega-se uma foice como instrumento das diversas mortes que esses sujeitos vivenciaram, rasga-se o céu, para que as águas possam fluir em gotas e encher as histórias de vida desses sujeitos, e, com isso, a foice, foi-se. Os rios então habitam, vivem, fluem uns nos outros numa brincadeira de sentidos que se faz necessária para que outros meninos-rio também possam fluir, só que agora na infância e não aguardando a fase adulta para que possam ser. Estreitando laços, compuseram uma melodia, dançaram margeados por suas histórias a formação que tiveram e as implicações delas em suas práticas docentes.

Devir(ia) ser submissão se ... Ah, sim, foi-se

Era uma vez...

Não. Algo não parece certo. O verbo, seu tempo, seu modo, não sei dizer o que, mas algo não está totalmente certo. O verbo “ser” indica que um ente poderia ser tudo o que será representado para você aqui. Mas ainda falta um pê ou um pé já que não tem cabeça. Corpo sem cabeça? Corpo material sem materialidade. Serpente que percorre a terra, as frestas, que se turbulencia no verão. Serpente, cujos filhos, primos verão e versarão.

O verbo pode estar correto, mas o tempo se misturou, passado que era se tornará futuro com o passar pelas raízes do caminho, se perguntando se parará em alguma estação. Que tempo utilizar, quanto tempo será utilizado para definir essa questão? Já fica o aviso que o relógio percorrerá o mesmo fluxo várias vezes, mas há o resguardo ao direito de não lhe confessar qual dos três ponteiros, qual dos três rios será mexido pelo vento que foi soprado pela vida, aqui descrita pelo passado, pelo futuro e se configurando como um grande presente.

O modo como me expresso, viajo, falo com você é tão estranho, pois acredito que espera que eu indique algo, ou que eu proceda mandando ordens, mas isso não acontecerá. Não lhe direi fuja, não lhe enviarei a um terreno de dor. Esse não é um texto que arde, nele não há espadas de dois gumes, mas de três ou mais. Assim, da mesma forma que o modo será subjuntivo, esse texto representará uma coisa irreal, imaginária, complexa, habitando e habituando um entrelugar. Por ser fora do real, não quer dizer que não possa ser desejável.

Ora, se o verbo tem equívocos, então, fez-se carne, e, como carne, pode ser descrito, mas não é totalmente corpo. Precisa, como você precisa, de muitos atravessamentos para se tornar corpo, compor corpo. Butler (2020) defende que o corpo caminha para apontar o mundo que está para além dele, dando limite ao redor e interior daquele ser que se movimenta.

— *O que foi isso? Como pude ouvir, falar, sei lá, sobre alguém com quem nunca tive contato?*

Esse foi o primeiro estranhamento que Jaguaribe teve com relação às potencialidades de seu corpo. Era capaz de viajar. Consigo, com outro, com você. Estranho pensar que essa personagem, essa pessoa que você pode viajar dentro dela, não sabia de sua capacidade de transitar em outros corpos.

Tudo começou quando Jaguaribe percebeu que o corpo é só mais um canal para as sensações e os sentidos. Em silêncio, pois o seu barulho já era ausência de ruído para ele,

percebeu que o tempo não é linear e que a geografia nos permite perceber que a terra é só uma. Como alimenta plantas, seres centenários, juntos são compostos por partículas que estão aqui há milênios, logo, o tempo não é nada demais. Estar num local é só uma questão de perspectiva.

Como esses poderes são assustadores. Quando pensei em escrever essas histórias – sim, temos mais personagens –, percebi que tenho que lhe dizer que surgirão pessoas que nos ajudam a entender as experiências de Jaguaribe e de outras personagens. Essas experiências nos ajudarão a perder a ideia de controle e nos levarão a ser como árvores que se alimentam dessas águas, e compartilham com elas sabedorias do passado e do futuro, ou seja, a vida que nos convida a fluir com ela e com eles.

Nessas viagens pela terra e pelo ar, por meio das árvores, sejam elas inteiras ou em papel, produziam-se as memórias de Jaguaribe. Uma teia, pois havia sempre uma pequena luz, com ele, bem no meio do povo e da mata por onde ele viajava, brilhando, era o outro, um outro com quem ele compartilhava... Nesse dia, falavam sobre a infância, sobre os percursos desta, sem gastar, sem desperdiçar, medindo as palavras, pois não queriam passar outra coisa, mas não eram donos daquilo que diziam. Nesse grande impasse, não era mais um, uma, eram cortes, cortês, foices, vozes, pois, ah, se daquele jeito fosse, seria da forma como havíamos pensado ter dito juntos. Sim, o mergulho nessas histórias envolve você e eu.

Foi numa noite estranha, céu ainda um pouco claro, sem som, Jaguaribe começou a sentir uma presença, alguém estava ali, próximo a seu lar. Olhando com calma, tentou localizar a presença, quem era o ser.

— *Quem está aí? Quem é você? O que é você?*

Ao se deparar com a questão, Jundiá não sabia responder claramente, passou a selecionar as palavras, as expressões, pois havia um medo mútuo. Esse rio que havia resolvido percorrer a terra pelas raízes das árvores também havia pressentido uma outra presença e se questionado se esta era de alguém que o entenderia como ele era. Quais materiais precisaria para compor as máscaras de ser quem precisava ser? Por também viajar no tempo e no espaço, Jundiá pôde acessar Foucault (2017a) para compreender que, no século XVII, não havia medos com relação ao uso das palavras, não se precisava esconder aquilo, não precisaria de máscaras.

Porém, no século XXI, esse encontro era permeado por interditos, e talvez um entredito ou outro fosse possível. Isso permitiria uma busca por identificação de traços comum. Ainda com Foucault (2017a), Jundiaí pôde refletir que, socialmente, havia sido erigido um conjunto de elementos que compunham uma verdade sobre o ser, mesmo que depois ela fosse disfarçada, sublimada, elipsada. Isso era mais forte, quando se relacionava ao sexo, pois não se tratava só de prazer, havia toda uma economia que regulava os corpos materiais e impediam essa fluidez que Jundiaí tinha e que não sabia se Jaguaribe também teria, ou ainda se entenderia. De qualquer forma, criou coragem, e respondeu:

— *Eu sou prisioneiro. Bourdieu (2019) me alertou que habitamos num sistema social de representatividade em que as mulheres são diminuídas e negadas e tudo o que comumente se associa ao feminino também o é. Só que esse sistema me aprisiona como homem, como rio, me represa, mas não me representa.*

— *Oxe, e como tu encontrou esse sujeito para que ele te dissesse isso? Também viajas e se depara com pessoas no tempo e no vento?*

— *Oxe? – Interrogou Jundiaí curioso. – Deve ser da mesma forma para você. Acredito que nosso encontro seja permitido também por essas viagens, logo, você também a faz. Então, acredito que essa conexão que sinto seja por termos identificações que se (nos) aproximam...*

Havia naquele encontro tanta coisa que fora esquecida, suprimida, sufocada. Será que eles lembravam o que os permeava? Esse sentimento de pertença tão difícil de ser encontrado quando o mundo é todo construído fora de você e fora do seu alcance (MISKOLCI, 2020).

— *Sim, eu tive receio de falar contigo, mas algo me diz que somos estranhamente familiares. E penso que essa ausência de pertença, essas lágrimas sufocadas dentro de nós, esse calar que cal(ej)ou em nós sejam devido ao que Butler (2019), junto com Bourdieu (2019), defende como o drama do simbólico. Isso pode nos esclarecer que há uma construção cultural acerca daquilo que pode ser dito, enunciado, vivido. Como bichos simbólicos que somos, constituímos produções imaginárias em nós e nos outros sobre quem somos, compartilhando vivências, presenças e atuações performáticas do oposto daquilo que escondemos.*

— *Essa partilha é dada a partir de partes próprias nossas e daquilo que é compartilhado com o outro que não deixa de ser nós (RANCIÈRE, 2020). Então, acho que já respondi o que eu*

sou, mas quem eu sou não tenho como responder tão prontamente. Foi a vida inteira que compôs quem eu sou, e eu até acho que sou um pouco você. Evaporei, condensei, desaguei perto e me tornei você, e sinto que você sou eu, somos fonte material da mesma estrela.

Nesse momento, quando menos esperavam, seu imaginário corpóreo foi invadido por uma outra presença de alguém estranhamente familiar. Como poderia ser, se isso nunca havia acontecido antes? A presença estava lá, mexia com seus corpos, compunha-os junto daqueles que estabeleciam experiências memoriais com o mundo (CANDAU, 2018; ERIBON, 2008).

— *Quem é você?*

— *Olá, me chamo Potengi. E vocês, quem são? Como vim parar aqui? Como minha mente me trouxe até aqui?*

— *Sua mente?* – interrogou Jundiaí. — *Eu consigo ver seu corpo material, como poderia ser só sua mente?*

— *Jundiaí, não sabemos bem como viajamos, será que nos conectamos por nossos corpos físicos, células, tecidos, sistemas ou somos construídos de forma muito mais complexa e isso que vemos é só uma manifestação daquilo que somos?* – questionou Jaguaribe.

— *Eu faço parte de um regime como arte de viver, de me compor, de me constituir sujeito (FOUCAULT, 2017b) – disse Potengi. Se é corpóreo ou imaterial, se estou numa rede de contatos ou de afetos, não sei dizer a vocês. Sei que, aqui, fui convocado para estar. Como diria Butler (2020), eu sou aquela postura que sou obrigado a assumir. Como o meu sexo, eu sou uma identidade composta por determinações indeterminadas, por obrigações que não me levam em consideração. Para entender quem sou, talvez seja algo que aconteça se compartilharmos juntos nossas histórias, o que me dizem?*

Assim, surgia um contato bastante diferente dos que eles já haviam estabelecido. Não mais disfarçariam tudo. Algumas coisas permaneceriam escondidas, cuidadosamente camufladas, pois ainda há uma vigia e uma vigília constante (ERIBON, 2008; FOUCAULT, 2016). Outras, sublimadas, não teriam vez para enunciados. Nesse momento, os três corpos-rios sentiram um ao outro. Uma dimensão havia sido criada, e é nela que seriam estabelecidas as relações entre eles. Nela, hav(er)ia momentos de ser eu, de ser você, de ser um corpo, um leito, um braço, o corpo, o rio.

A foice rasgou o véu, nasceram os rios

O medo não foi maior que a cumplicidade daquele encontro, pois, de alguma forma, eles sabiam que havia algo em comum. Compartilhavam de interdições e buscavam compreender como seus corpos haviam sido construídos, onde as materialidades não puderam ser expressas, quais crimes cometeriam, ao se verem no outro ou se perceberem como o outro que se é.

Jundiaí, muito ansioso por conhecer o outro que ele era para ele mesmo, começou contando sua história como se tivesse ansiedade de se perceber refletido em sua voz, reflexivo em seus enunciados, reconstruído a partir de suas escolhas.

— *Eu tenho uma família grande. Nada de filho único, somos em quatro, meio como se fôssemos os pilares estruturantes dos cantos da nossa família. Pai e mãe estavam presentes durante minha infância, da forma deles. Ele construía empreendimentos, casas, o que fosse da construção civil. Minha mãe tirava manchas de roupas, lavava-as, buscando a perfeição entre maciez, perfume e delicadeza. Eu quase fiquei por último na ordem de nascimento, e fiquei ali, entre a maciez das roupas e a rigidez do concreto que não admitia um lugar de produção de subjetividades (FOUCAULT, 2007, 2017a). Eu morei numa fazenda, um lugar muito humilde, lá tinha uma colônia de trabalhadores, onde eu tinha tios, primos, todos morando juntos.*

— *Nossa, vocês moravam numa fazenda a sua infância inteira?* – interrogou Potengi.

— *Depois, nos mudamos para a cidade, e aí a gente teve um choque de realidade muito grande, que a gente percebeu, realmente, a diferença entre o que era ser mais pobre e mais rico, como eu chamo assim, né? Então, foi uma infância bem complicada, porque, assim, a gente tinha falta de muita coisa. Assim, não de comida, mas, assim, a gente não tinha coisas maravilhosas como a gente tem hoje.*

— *E como isso interferia nas relações entre vocês?* – questionava Jaguaribe bastante curioso.

— *Então, assim, o pai e a mãe trabalhavam muito, não tinha muito carinho, não tinham muitos momentos de conversa em família, né? Os almoços e jantares eram feitos na frente da*

televisão, porque não existia uma mesa onde todo mundo se sentava. Então, foi uma infância, assim, com roupas dadas pelas pessoas, roupas doadas. Então, eu me lembro, assim, de uma infância muito pobre, né? Com poucos calçados, poucas roupas. Essa é a memória que eu trago da infância.

O que Jundiá não percebia é que o capitalismo é um sistema de regulação dos corpos, e o fato de serem pobres ou ricos não eximiria a sociedade de sofrer as orientações sociais para que o sistema opere, como Silva (2019) lê, ao fazer uma análise de como a identidade se relaciona aos sistemas sociais em que estas se manifestam. As forças de ação nos corpos e nas identidades são bem diferentes, em termos de intensidade, quando se trata de pobreza e riqueza, todavia não deixam de atuar em busca de uma perpetuação do sistema.

Jaguaribe pensou um pouco e decidiu falar sobre sua infância.

— Eu também venho de uma origem um pouco humilde, mas isso foi utilizado pela minha mãe como uma forma de nos mostrar um outro lado do mundo. Havia muita busca por aproximação de coisas masculinas. Eu gostava de dançar, mas em algum momento perdi isso, lembro bem quando estava dançando num domingo e acho que minha mãe não gostou muito, não sei se foi nesse dia que parei de fazer isso, mas é uma memória bem marcante.

— Eu vivi entre duas cidades devido a problemas do meu pai com bebida – disse Potengi. Era sempre esse vai e volta dos meus pais. Inclusive, a escolha do meu nome foi feita pelo meu pai que não levou em consideração as preferências da minha mãe, não tendo atendido seus pedidos.

— A escolha do meu nome foi conjunta dos meus pais e seguiu a mesma lógica de escolha dos meus irmãos. Afirmaram ao mesmo tempo os outros dois. Todos riram um pouco da coincidência.

Os nomes são tão carregados de expectativas. Além disso vão compondo nossas realidades, delimitando algumas de nossas vivências (MIGNOT, 1993). Também é pelo nome que o indivíduo é interpelado em sujeito, onde suas subjetividades vão se delineando, se compondo, se constituindo como bases identitárias do sujeito. Guattari e Rolnik (1996) apontam que o nome não configura processos singularizantes propriamente ditos, mas contribuem para a constituição identitária, porém, também definida a partir do outro.

São essas expectativas do outro que nossos protagonistas foram aprendendo a atender. Compondo a memória coletiva, a partir de percepções individuais das experiências compartilhadas com o outro, inclusive com o outro que não se é, mas que se performa (BUTLER, 2020; CANDAU, 2018). Não, eu não vou adiantar muita coisa e, mesmo que eu adiantasse algo, talvez isso não adiantaria para que vocês se colocassem no lugar desses corpos-rios. Acredito que vocês ainda precisem se conhecer mais, se banhar mais nesses fluxos.

Onde habitam os rios?

— *Eu passei a infância numa casa cheia de imaginação, nela eu fui escalador, fazendeiro, astronauta, professor. Inclusive, foi nessa casa onde tive a primeira impressão de que queria ser professor de matemática. Nela, eu percebi que eu era diferente dos meus irmãos. Havia algo de masculino que eu não atendia o suficiente, por mais que me esforçasse nunca chegava lá, era uma meta imposta por alguém, impossível para mim. Aquelas paredes devem ter muita coisa que eu ouvi e enterrei entre os tijolos para não remoer, para não doer, para não me moer, sabe? Eu dormia num quarto com meus irmãos. As paredes tinham um tom de verde diferente, meio água, meio fluido. Será que por isso eu sou rio, sorrio? Eu sempre imaginei muito, não sei se verde é uma cor que estimula a imaginação ou se foi outra coisa.*

O relato de Jaguaribe mexia um pouco com os outros. Era possível sentir a crepitação dos pelos dos braços que se eriçavam, como se estivessem com medo das sensações que aquele corpo sentia. Era a identificação. Os pelos buscavam fugir desse corpo que reconhece dores, desamores. Pelo relato, pelo pelo, compunha-se a ideia de como se precisava observar o outro para atuar, para ser masculino como se esperava que eles fossem (BOURDIEU, 2019; ERIBON, 2008).

Já Jundiaí relatara ter vivido numa casa que descreve como muito simples, humilde, apesar de grande. Havia cores como vermelhão e amarelo. São lembranças que ele carrega com muito cuidado, como se pudessem ser frágeis. No meio da conversa, a memória ainda encontra um jeito de retomar como a vida era difícil, humilde.

Quais reflexos isso terá em Jundiaí? Como o mundo compôs com ele sua identidade? Será que as cores influenciam nossas identidades e percepções? De que cor é o rio?

Para Potengi, a experiência das casas remetia a compartilhamento. Ele relata aos outros que vivera com primos, tios, todos na mesma casa por um tempo e em outra. Ele se lembra das pedras de fogo que utilizava para produzir faíscas, ao chocar uma contra a outra no escuro. As cores não são uma memória vívida para ele.

As cores chacoalham a linguagem, logo fazem tremer as identidades dos sujeitos (LE BRETON, 2016). E mesmo que culturalmente tenhamos constituído uma noção compartilhada do que são as cores, elas podem escapar aos corpos. Isso configuraria uma distinção do pensamento do ver. defendido por Merleau-Ponty (1999), pois, pelas distintas vivências, não podemos esperar que os indivíduos tenham as mesmas sensações e atribuam os mesmos sentidos às cores. Ao mesmo tempo, não será possível negar que esses sujeitos terão grandes reflexos dessa composição de cores, suas paletas e sua mobilização no mundo.

As cores eram algo que mexia bastante com Jaguaribe. Ele reporta aos novos amigos que azul sempre foi uma cor que remontava à transformação. Parecia que ela representava possíveis mudanças, demandas que ele nem sabia que queria, mas almejava tanto. Inclusive, desejava ser outro, o outro que ele realmente era. Ali, jurou que cantaria em cada canto o que ele era, quem ele era, como seria, um grande professor de matemática. Não só pronome indefinido, mas o professor de matemática, definido, entendido, demarcado. Compreender que as escolas precisam disso (TORRES, 2010) permitia a Jaguaribe buscar ser uma referência do possível, de um ser de possibilidades, abrindo asas, alas e salas.

— *Ocorre no meu dia a dia, como Gurgel e Uziel (2019) apontam, a ideia de que o homem deve ser viril para prover a casa. Então, questões de cuidado, carinho e afeto não me são estimuladas e qualquer menção ou inclinação a aderir a tais práticas são veementemente repudiadas socialmente. Machado (1998), em suas entrevistas, percebe que a virilidade está associada a um imaginário social que se reflete na formação do gênero homem. Tal formação demanda que esse tenha um posicionamento ativo, ordenativo, e que se imponha sexualmente às mulheres. Inclusive, a partir desse imaginário, podem se construir duas visões sobre mulheres, a que as vê como seres imaculados e a que pressupõe não haver barreiras em seus*

corpos (BOURDIEU, 2019; BUTLER, 2019) – refletia Jaguaribe (ou poderia ser Jundiá, suas mentes já se misturavam num caleidoscópio de olhares e reflexões, nem ficava mais tão claro quem era quem, haja vista tudo o que vinham compartilhando).

Você deve estar pensando que ninguém quer que os interditos corpóreos, construídos moralmente, sejam rompidos (MISKOLCI, 2020). Ora, quem gostaria de ter seu corpo, seu fluxo, seu rio impedido, invadido ou controlado por outro que não (o/se) deseja. Logo, é muito mais simples perpetuar a ideia em homens que sua virilidade – construída socialmente e não muito percebida – caminhe para subjugar o outro, nesse caso, as mulheres ou homens que destoem do seu padrão. Estes últimos sofrem uma pressão completamente diferente, uma pressão regulatória para que retornem ao padrão e oprimam as pessoas do gênero feminino para que todos saibam seu lugar no mundo (BOURDIEU, 2019; ERIBON, 2008; LOURO, 2020). Porém, há também uma noção de que esse outro não são só as mulheres, mas o feminino, o não masculino, se tomarmos uma base de visão binária.

— Logo – concluiu Jaguaribe –, *Butler (2019) nos fala como existe uma lei social que vai construindo o que é ser heterossexual e o que é ser homem dentro desse regime de normalidade. Assim, não é possível, caso se queira permanecer sobrevivendo, a desobediência a um código de conduta que determina, inclusive, o que pode ser dito e o que deve ficar no interdito* (FOUCAULT, 2016). *Além disso, essa estrutura binária nos impede de compreender pontos de convergência, que fogem dos padrões, em diversas questões sociais, impedindo uma identificação com o outro que se é possível ser* (LOURO, 2020).

Os três refletiram muito sobre esse ponto e perceberam que não havia como o expressarem em palavras, mesmo que buscassem diversos sinônimos, todas as sensações que perpassavam seus corpos materiais, menos ainda com suas representações simbólicas, suas potencialidades. Cardumes de ideias percorriam suas veias, invadiam seus sistemas, e uma rede complexa de construções se avolumava em suas gargantas, mais precisamente em seus gargalos.

Jundiá não tem uma cor que sinta que o representa. Já Potengi defende que laranja (a mistura de amarelo e vermelhão, outrora apontados por outro) sempre foi uma cor que o encantava. Defendendo que era uma forma de ir contra tudo o que os outros gostavam. E

quando chamavam de amarelo queimado, ficava insistindo que não conhecia essa cor. Não aceitava o termo queimado por entender que remetia a um estrago em sua cor, à mistura de cores que compunham talvez até quem ele era. Resistiu para que, ao menos, a cor pudesse existir como ela era e não como o outro queria que ela fosse.

Essa era uma forma de (r)existir, de tentar manter em si o que ainda tinha de estranho, de misturado, mas de muito particular. Quanto mais se distanciava das normas sociais, mais percebia que as leis éticas que compunham o que era ser homem não poderiam se aplicar àquele corpo (FOUCAULT, 2017a). Haviam conhecido Butler (2021), e ela havia lhes dito que a história bíblica de Abraão mostrava um processo de individuação, no sentido de tornar-se um, contra a lei social hegemônica social que havia, mesmo que isso custasse não se sentir mais partícipe de um contexto. Dificilmente outras coisas poderiam ser mais identificatórias para nossos meninos-rio.

— *Nossos comportamentos são tão nossos quanto nos são alheios, pois vamos compondo nossas práticas a partir de padrões que vamos observando, imitando e, quando criamos ou seguimos os padrões “errados”, recebemos punição (SPARGO, 2019). Há toda uma linguagem do comportamento que é necessária que sigamos para que nossos corpos possam estar presentes em sociedade. Essas entradas culturais feitas pela criança são reguladas e regulamentadas pela lei que cria o simbólico e pela qual podemos viver em sociedade (BUTLER, 2019) –* pensou Jaguaribe ao mesmo tempo que Potengi, enunciando em uníssono.

É impossível pensar nessa linguagem sem pensar em como a virilidade se dá no masculino. Eribon (2008) enuncia para nossas personagens a reflexão de como as conversas entre homens, inclusive sobre suas experiências sexuais com mulheres, vão atribuindo valor positivo à virilidade, condensando o que é ser macho e negando, chegando a repudiar, qualquer coisa que não atenda a essa característica.

Não à toa, ainda com Eribon (2008), nossos personagens percebem como suas vivências não são únicas, mas unificantes. Pessoas que não atendem a esse perfil de virilidade não são consideradas machos completos, logo, caso não o sejam, são excluídos e começam a performar atos em contrariedade à falta de virilidade como forma de se sentirem incluídos. Ou, ainda pior, recolhem-se, impedem-se de conviver socialmente, excluindo-se desses grupos, chegando a

sentir uma sensação muito ruim quando estão nesse convívio e, talvez pior, quando estão distantes, pois não se percebem seres sociais.

— *O que me consola é que, como Butler (2020) maravilhosamente nos demonstra, a construção, inclusive a social, é um conjunto de práticas reiterantes que nessas i(n)terações vão compondo sujeitos e atos. Logo, quando não nos identificamos, essas produzem linhas de fuga num sistema que tenta nos dizer quem somos, e, até em certa medida, aceitamos e nos influenciamos, mas também reagimos e compomos com esse sistema aquele que queremos ou que acreditamos querer ser* – disse Jundiáí.

Estreitando rios: espaços escolares⁶

— *Como é a escola que vocês frequentam?* – perguntou Jaguaribe ansioso por conhecer mais seus novos companheiros de fluxo.

— *Minha escola é bem periférica, inclusive, passo pelo meio de lugares com vacas para chegar a ela. Eu já estudei numa que a gente usava jaleco, bem branquinho e limpinho, mas agora tem gente que vai descalço. Quando nos mudamos, mudei de escola, aí em casa era bem difícil, eu dormia na parte de cima de um beliche, odeio beliches. lihhh, fugi do tema da escola. Mas é que quando eu vim para essa casa nova e essa escola nova, eu reprovei. Antes eram classes multisseriadas e, na escola nova, além da casa nova, tudo foi bem diferente, e eu acabei reprovando. É uma vida muito difícil ser pobre e ter que depender* – disse Jundiáí.

Medeiros (2010) esclarece que a persistência das escolas multisseriadas são uma forma de contornar os desafios da migração que caracteriza o êxodo rural já que funcionam como uma possibilidade de fornecer educação para regiões com densidade demográfica baixa.

⁶ Antes da leitura, sugiro que atente para o fato de que o tempo não é visto aqui como uma estrutura linear. Passado e futuro são traduzidos, elaborados e pensados num presente. Assim, o tempo verbal não nos é caro nesse momento, a vivência dos sujeitos, sim.

Pode ser mais um processo doloroso viajar no tempo como uma folha de papel plana que dobramos e você consegue sair de uma ponta dela para outra sem passar pelo meio, migrando de um passado a um futuro sem passar pelo presente. Essa estrutura curvilínea que é o tempo também forma e é formada pelos corpos, por isso não é linear, reta, capturável.

Porém, a pesquisadora também mostra aos nossos rios que pouco se avançou nas discussões acerca do que pode ser trabalhado com relação ao respeito às diferenças.

Assim, desde as dificuldades de aprendizagem dos conteúdos formais, passando pelas dificuldades em se sentir sujeitos sociais reais, o imaginário de nossos rios vai se compondo a partir desses desrespeitos às suas formas de ser e estar no mundo. Talvez tenha sido nesse momento que nossos queridos corpos-rios se encontraram com Miskolci (2020) que lhes ensinou que um importante papel docente e da educação é o de transformar os contextos de sujeitos que vivem em escolas longos processos de dor e discriminação por serem quem são.

Esse querido Miskolci (2020) ainda lhes contou sua história, sobre ter vivenciado no período escolar um processo pautado em autoritarismo e violência, com marcas que persistem até os dias atuais. Tais sinais não fogem às demandas que a virilidade interpela dos sujeitos. Para Vinuto, Abreo e Gonçalves (2017), a virilidade tem um local de glória, uma vez que é o objeto que diferencia aqueles que são homens dos que não são. Butler (2021) entra nessa seara para discutir como o feminino é sempre visto como a ausência daquilo que caracteriza o macho socialmente, a virilidade. Logo, é um processo de falta ou pautado nesta e quanto menos bem você se sente consigo, menor nosso estado de consciência dessa falta.

Bourdieu (2019) emerge para nossas personagens para lhes informar que há uma tentativa de des-historização dessas práticas, buscando apontá-las como objetos naturais, surgidas automaticamente nos corpos dos sujeitos. Configurava-se, na escola também, fosse ela multisseriada ou não, uma pedagogia da masculinidade pautada por ausência de delicadeza, exercício de força, falta de argumentação e redução ou anulação da afetividade, (de)formando corpos até que lhes reste encaixotar-se no padrão (MISKOLCI, 2020).

— *Como rios que somos, adaptamo-nos, logo – conclui Jaguaribe –, chegamos a um padrão que nos aceite por nos permitirmos maleáveis, comportáveis.*

— *Na escola, na alfabetização, a gente só ficava repetindo o nome, escrevendo nosso nome diversas vezes. Não gostava disso não, ficava me sentindo de castigo. Eu não notava, mas a repetição sempre foi uma forma de dizer como o sujeito deve ser ou fazer. Há toda uma construção de como devemos nos portar e isso se dá por repetição. Até no ato sexual, como aponta Foucault (2017c), há regras que se buscam serem seguidas, pois o princípio da*

regulação dos corpos precisa que haja uma conduta adequada, evitando desde o desperdício energético até a subversão das práticas sociais que mantém o sistema – pensou alto Jundiaí.

— Na quinta série, eu reprovei. Então, mudei de escola, pois sentia vergonha de meus colegas e não queria estar na mesma escola que eles – continuou Jundiaí. Acho que isso acontecia por eu me sentir menor que os meus colegas, não me permitir falhar, começava como um processo de culpa por não ser o que esperavam e poderia bem mais do que isso, revelar aquilo que eu não me permitia ser. Le Breton (2016) nos ensina que a repugnância é uma forma de ameaçar a identidade. Logo, se havia, socialmente, uma rejeição a quem não era suficientemente viril, eu não poderia errar em outros pontos, eu me (d)enunciaria.

Há toda uma matriz de base heterossexual que vai compondo nossos rios – refletia Jundiaí. Então, ele convida Louro (2020) que afirma que é, a partir dessa matriz, que todos os corpos se compõem, inclusive os que não atendem a ela. A esperança é que, como mostra Miskolci (2020), alguns professores reavaliem os interesses da educação, podendo propor uma nova gramática social, auxiliando os sujeitos a se perceberem também como possibilidades de mudança.

Os pais de Potengi tinham pouca escolaridade formal, mas eram muito bons em matemática. Infelizmente, não havia muita conversa entre ele e seu pai sobre algo, matemático ou não. Logo, não foi diferente com relação à escola. Essa ausência de contato com o pai é mais um objeto de ataque ao não viril, não masculino, ao castrado, aqui, também, às mulheres. Miskolci (2020) elucida essa questão, ao nos trazer o exemplo de que é atribuído a elas o fato dos filhos serem anormais em seus comportamentos sexuais. Além dele, Moura e Nascimento (2020) também enunciam como esse é um comportamento social comum. Logo, mais uma carga negativa é atrelada aos seres a quem a virilidade não pode se fazer presente. Não obstante, a identidade destes não é objeto de prazer atribuído a ninguém, uma vez que a constroem baseado numa farsa, forçando aquilo que não são, mas nunca atendem completamente aos requisitos para atravessar a fronteira do ser (BUTLER, 2021).

Em casa, nenhum dos nossos rios era acompanhado por alguém com relação aos processos de escolarização, talvez devido à rotina cansativa de trabalho de seus familiares. Para Jundiaí, a escola era um espaço bastante complexo no que tange às relações. Por exemplo,

havia entrada para professores e entrada para alunos, mas o professor de matemática percorria o pátio onde os alunos estavam correndo durante o intervalo. Ele buscava uma conexão com aqueles a quem ensinava e isso não passou despercebido pelo menino-rio. Isso, por mais que eles não soubessem ainda, influenciaria bastante na atuação e na identidade desse futuro docente que ali ainda era aluno (IZA *et al.*, 2014).

Jaguaribe relata mais sobre a estrutura da sua escola: — *A escola é bem simples, tem um parquinho no centro, onde fica o pátio. Todas as salas ficam de frente para esse pátio, então, sempre estávamos sendo vistos. Menino é assim, né? Sempre se dana. Essa estrutura —continuava Jaguaribe → conforme já vimos com Foucault (2007b), aponta para uma vigília constante dos corpos e dos sujeitos. Só que é importante que você, com quem nossos personagens se conectam agora, não entenda o poder como apenas negativo, impeditivo, mas que compreenda que ele produz, estimula, instiga a criação* (LOURO, 2018).

A partir disso, ainda com Louro (2018), nossos rios percebem que não são tão somente vítimas de um sistema. Sofrem com este e lutam para se encontrar, só que nesses processos de resistência, foram se percebendo como subvertidos ao que os oprime, submeteram-se, mesmo que não tivessem outra escolha, mas, de alguma forma, foram construindo meios de escapar, de transgredir, de ser. Só que precisavam analisar e se encontrar dentro de caminhos tortuosos, sendo estas, análises muito fluidas, como eles, instáveis, que eram capazes de estremecer até a palavra, a própria linguagem. Dentro ou fora de um terreno teórico, ousaram nascer, crescer, crer, ser.

— *Eu vou ser professor de matemática* – exclamou Jundiaí. — *Desde que um querido professor entrou em sala, foi paixão à primeira vista. E teve uma experiência em que ele mandou eu me aquietar, então, eu achei que iria para a diretoria, mas ele não me mandou. Ali, bem ali, eu entendi que era isso que eu queria fazer, entender meus alunos como eles são, suas necessidades, respeitar seus espaços e promover o diálogo* (IZA *et al.*, 2014) *que não fosse viril, virulento, violento.*

Concordando com Freire (1991), nosso rio não se tornou professor ali naquele momento. Mas havia traços de formação pelo exercício do outro, com o outro. O processo de identificação se delineava, a partir de vontades de ser, de estar com aquele que cuida. A

virilidade não era tão importante, a afeição havia dominado aquele momento e, ambos, nosso rio e seu docente, eram um só em formação.

— *Uma situação engraçada que eu já vivi com relação à matemática é a de que eu escrevia o zero bem pequenininho, e a minha professora da época ficava dizendo que ele era um número e que precisava ser escrito normalmente* – continuou Jundiaí.

Lorenzato (2008) explica que as crianças, como seres aprendentes, precisam ter espaços valorizados e que os sujeitos, como docentes, precisam respeitar os locais em que as crianças se encontram e não onde gostaríamos que estivessem. Logo, essa representação do número bem pequeno poderia ser uma forma de denotar o seu valor em expressões numéricas e não em ideias de posição do algarismo nos números. Isso se dá em matemática, mas em quantos outros contextos estamos norteando as práticas infantis para caminhos que julgamos serem corretos, adequados, normalizados?

Torres (2010) mostra que, em documentos oficiais, sem tratar especificamente da matemática ou do ensino, temos a naturalização de uma sexualidade dominante, não permitindo que as diferenças sejam vistas como naturais. Logo, a sociedade está sempre a impor desvios nos fluxos experienciais dos sujeitos-rios, contendo seus sujeitos-riso. Esse ato de ser e estar feliz é muito importante de ser compartilhado pelos alunos com seus docentes, pois existem ligações afetivas relacionadas por signos, significantes e significados que emocionam, contribuindo para processos identitários e comportamentais (TORRES, 2010).

— *Lembram que eu reprovei na quinta série?* – questionou Potengi. — *Mas não foi em matemática, não. Na terceira série, eu era muito bom em contas de dividir, apesar de na quarta ter esquecido tudo. Na quinta, que foi quando eu reprovei, os múltiplos vinham na minha cabeça muito rápido, assim, eu sabia calcular MMC muito rapidamente por essa técnica.*

Jaguaribe ficou calado, pois não se lembrava de como eram suas aulas de matemática. As aulas dessa disciplina que mais marcaram nossos rios foram ministradas por homens e, de repente, eles começaram a pensar nos porquês disso.

Eles encontraram, com Louro (2018), a ideia de que os sujeitos pensam o mundo a partir das normas sociais que ali se impõem. Assim, as mulheres não operam como os homens operam, os anormais não operam como os normais operam, havendo linhas de normalização,

mas também linhas de fuga. Os atributos que um tem, o outro não (o) tem. O problema está em acreditar que os atributos do outro o impedem de exercer seus papéis sociais, ou fazer o que quiser (SOUZA; FONSECA, 2017). É sobre esse controle dos corpos que nossos rios começam a pensar e o incômodo acerca daquilo e de quem são começa a percorrer seus corpos.

— *Apesar de não ter nenhuma memória destacada de matemática na escola, eu me lembro de episódios muito marcantes com relação ao fato de eu brincar muito com as meninas e pouco com os meninos. Quando não era alguém imprimindo a ideia de que eu queria namorar as meninas da escola, era alguém me chamando de diversos nomes, alguns que eu ainda nem havia concebido o sentido, mas sabia que objetivavam me diminuir, apontar a diferença no terreno da identidade em que eles e eu habitávamos* – disse Jaguaribe.

— *Ah, não só na escola, mas na minha rua, as pessoas me achavam estranho e me chamavam de gay. Eu nem sabia o que é gay, mas era um nome comum que me atribuíam. Além desse, também chamavam de veado* – apontou Jundiaí.

Louro (2020) tenta consolar nossos rios que começam a se sentir mal com o relato, pois há um processo de identificação com a realidade do outro. A autora lembra aos nossos rios que eles podem retornar a algum ponto de sua história, mas, mesmo que façam essa viagem, não serão mais os mesmos, a linguagem, a vida, as vivências os transformou em outros, e isso lhes permite olhar com mais carinho para si. Lembra que eles vêm se transformando de forma não cumulativa, nem seguindo uma linha, a não ser que essa seja de fuga? Então, é aqui onde eles olham para si com outro olhar, um olhar da memória afetiva, produzindo quem são hoje e quem eram naquela época, a partir da experiência de se narrar.

Há toda uma prática pedagógica exercida pelas mais diferentes pessoas de forma contínua, que se repete e que não encontra um fim, inscrevendo nas estranhas entranhas dos corpos, determinando o que pode e o que não pode ser. Mas esse processo não é hermético, vai sendo influenciado pelos sujeitos, pela linguagem, pelas vivências (LOURO, 2020). Eribon (2008) indica que uma ideologia já precede o nascimento dos sujeitos, e vai se perpetuando pelos espaços vivenciais dos sujeitos, inclusive na escola. É o processo de construção do

habitus, do corpo, do imaginário pelo inconsciente coletivo e que está entremeadado no inconsciente individual de cada sujeito.

Butler (2019) surge para falar como a linguagem que vai compondo esse inconsciente, bem como é retroalimentada por ele. Além disso, aponta para como todo corpo é lido e interpretado a partir de uma matriz cognoscível já predisposta a definir os sujeitos a partir das realidades culturais. É o processo do outro se tornando parte do eu, e o eu se tornando o outro, seja nos limites dele que não posso ser, seja o eu operando como região fronteira onde ele não quer nem (re)conhecer. Dessa forma, Butler (2021, p. 83) vai tentar definir para nossos rios que “o corpo é um conjunto de relações, descrito através de uma imagem, aquela que indica um enrolamento ou retração [...]”.

Eles continua(ra)m ali, desdobrando-se sobre os outros, sobre si, entre si, num misto de cumplicidade e desconhecimento, de alegria e descontentamento. Estavam nus, desnudados, seus corpos estavam à mostra, haviam percebido que, além de seus poderes, havia outra coisa em comum, sua anormalidade não se dava de forma unívoca, perceberam que suas sexualidades eram dissonantes das normas. Mas, para Potengi, algumas das experiências eram bem diferentes, mais vívidas, mais completas e complexas, por que não afirmar menos presas pelas amarras sociais.

— *Se eu sofri, não percebi. Eu sempre gostei de cultura, de me expressar e nunca tive problemas em ter voz fina. Só tinha um pouco de vergonha se minha mãe estivesse olhando, não sendo, eu me expressava mesmo, dançava flutuando pelo ar.*

— *Tem muita coisa que a gente não vai percebendo na vida mesmo. Mas há algo legal que era o caminho para a escola. Havia uns flamboyants vermelhos no caminho. Então, em determinadas épocas do ano, eu caminhava entre rios vermelhos e isso retomava a cor da minha casa, era como trilhar um percurso de casa para casa. Na escola já era mais como era para ser, uma cadeira atrás da outra, um pátio, uma estrutura que era meio igual a muitos cantos – disse Jundiaí.*

— *Minha escola também é desse jeito* – confirmou entusiasmado Potengi.

Jaguaribe convoca, então, Candau (2018) para conversar sobre essa temática, e este começa falando que o ato de silenciar ou as negativas a determinada questão não são sempre

representativas de esquecimento. Nunca se há um absolutismo na amnésia, pois sempre fica algo no âmago identitário do ser, logo, lembranças esquecidas podem vir a somatizar com outras em crises identitárias dos sujeitos. Isso acontece também como um mecanismo de defesa, pois perder a si em determinados momentos pode ser uma forma de não encontrar aquela dor novamente. Daí que nossos personagens chegaram a uma ideia de que o esquecimento não é uma falha da memória, mas um processo ativo de produção e proteção da identidade.

A diferença percebida pelo caminho e a estrutura da escola levou nossas personagens a refletir sobre como a escola pode traduzir um engessamento curricular que não reflete as dinâmicas da vida (THIESEN, 2013). E então, convidaram Pinto (2017) para dialogar sobre como a história não é linear, conforme o Foucault (2007b) já havia pontuado, e como os currículos são orientados por documentos que vão retornando a práticas já vivenciadas anteriormente. Ou seja, há ciclos que se repetem e que vão culminar em equívocos já sabidos, gerando exclusão, padronização e estranhamentos no ambiente escolar. Não à toa, a escola vai se tornando um espaço de normalização dos sujeitos (FOUCAULT, 2016).

Porém, a observação sobre o caminho que conduzia à escola opera como uma forma de reagir e resistir às formas de engessamento e produção dos corpos. Louro (2020) elucida que a observação às formas como o poder age pode permitir verificar que ele está numa teia de sentidos e produções, partindo de diversas ligações, todavia também produzindo resistências.

Como os corpos, Jaguaribe nota que as cores fogem à linguagem, o que remonta à descrição sobre os flamboyants. Le Breton (2016) pontua que as cores brotam para os olhos como um grande elemento novo, um fogo de artifício, indo em diversas direções, com as palavras emergindo num raio de um círculo, cujo centro é a cor, mas sem conseguir necessariamente abarcá-la. Perturbando a linguagem, as cores e os corpos vão sendo constituídos por ela, imanenciando com essa.

Butler (2021) lembra que a nossa constituição se dá a partir dos afetos que sofremos. Antes de conseguirmos dizer quem somos ou o que somos, já fomos afetados por diversos elementos ambientais e sociais, sejam elas flamboyants ou escolas. Além disso, formamos pensamentos depois de sermos afetados por algo, logo, a cor, a linguagem, os nomes que

damos vão delineando as formas como nossos corpos-rios se comportam e reagem ao mundo. Louro (2018) fala que nossas identidades são formadas com base em questionamentos, rejeições, relações, aceitações, digressões e assunções direcionadas a partir das relações, consequentemente estamos sempre inacabados, abertos, temporários como seres.

Havia um ponto que Jaguaribe sentia incômodo e queria compartilhar com os colegas, mas não sabia como. Acontece que um dia, um amigo falou sobre sexo e várias coisas estranhas, e nunca na escola alguém falara sobre isso. Até que ele perguntou a seus novos companheiros de fluxo:

— *Gente, na infância, vocês ouviram falar sobre sexo, sexualidade, essas coisas? É que nessas viagens que eu fazia eu ouvi tanta gente falar tanta coisa, mas, na escola, ninguém.*

— *Olha, na minha infância, um primo me falou que, para os bebês nascerem, o homem deve colocar o pênis dentro da vagina da mulher. Lembro que eu achei isso muito estranho, absurdo. Outra coisa que achei muito estranha e que eu não sabia é que todos os homens têm um testículo mais baixo que o outro, eu achava que tinha alguma deficiência, porque nunca me explicaram e nunca me senti bem para conversar com alguém sobre isso – reclamou Jundiaí.*

— *Para mim, isso só aconteceu quando eu já estava saindo da infância. Um pessoal da minha rua tinha uns DVDs sem capa, sabe? Todo mundo sabia que aquilo era filme pornô, mas tiravam a capa como forma de esconder. Só que mais denunciava do que escondia. Eu cheguei a assistir ao filme com colegas, mas não conversamos sobre. Outra coisa que eu nunca tive coragem de conversar com ninguém, mas queria falar para vocês, é que, quando passavam homens de sunga/cueca na televisão, eu me sentia atraído por eles. Não sabia o que era isso, não falei para ninguém, mas eu sentia atração. Quando eu assistia aos filmes pornô, eu me atentava mais ao pênis do homem do que às coisas da mulher – disse Potengi.*

Há todo um processo de inscrição da virilidade no imaginário dos sujeitos. Para Bourdieu (2019), o feminino se representa por uma questão de falta, constituindo, inclusive sob uma visão matemática, um inteiro negativo, o que não é natural ao poder. Os trabalhos de socialização, inscritos na indústria pornô, por exemplo, estão sempre falicizando o sexo, com grandes pênis, intensas performances etc., construindo no imaginário social, por mimetismo inconsciente, a ideia de que o homem precisa ter tal ou tal atributo. Naturaliza-se a identidade.

Essas identidades masculinas e viris são produzidas também historicamente pela noção de resgate, de retomar o território seguro para os sujeitos. Essa masculinidade é construída em tempos de resgate messiânico, quando as pessoas vivem uma crise social, e buscam alguém que resgate esse senso de segurança (OLIVEIRA, 2004). É até irônico pensar em como 15 anos após esse fala de Oliveira (2004), a sociedade brasileira estava em busca dessa figura, colocando-a num lugar de exercício de resgate da masculinidade e da segurança pública (?), regulando corpos, inclusive docente. E, pouco tempo depois, havia o enunciado da necessidade de não sermos um país de maricas ou de Marias. Talvez não venha ao caso, pois o foco está no feminino ou na tentativa de diminuição deste operado pela linguagem mobilizada.

Quando sujeitos anormais habitam socialmente os espaços, inicia-se um processo de busca de normalização desses pela linguagem. Esse processo busca resgatar a masculinidade, e os filmes pornôs são um instrumento para que a linguagem produza um inconsciente masculino. Assim, masculinidade se confundia muito com violência num campo semântico pautado na virilidade. Tal fato era desigual e cruel para as mulheres, mas também para os homens que não se encaixavam em perfis adequados e normatizados pelo imaginário social (MISKOLCI, 2020).

Ainda naquela conversa, nossos rios tão íntimos que já estavam, começaram a falar sobre partes dos seus corpos que eles mais admiravam e por quê. Um disse que era a panturrilha, outro o olho, outro disse o cabelo, mas os três foram unânimes em justificar que eram partes que ninguém poderia dizer que eles eram menores que alguém. Eram seus segredos de qualidade, era onde não se sentiam diminuídos como se sentiam em outras situações.

Pensando um pouco também sobre o ambiente escolar, a palavra “viado” foi utilizada muito para diminuir nossos protagonistas, sendo, inclusive, incorporada por alguns deles como forma de xingar alguém, como tentativa de apontar uma condição ruim a eles (MISKOLCI, 2020). Expressar a palavra com a letra “e” no lugar da letra “i” foi uma forma que um de nossos rios encontrou para minimizar o efeito pejorativo dela, tão forte é a marca que expressões como essas deixam no corpo do sujeito.

Reconhecer-se nessa palavra era o mais doloroso processo para Jaguaribe. Ele sentia que os outros também sofriam com o mesmo processo, a luta incessante de ser o outro que não se é, os conflitos para aceitar o outro que se é. Estar nesse entrelugar, nesse lugar nenhum, lugar de nenhum. A linguagem que os produzia não era mais capaz de compreender ou de se fazer compreender a partir dos porquês. Eram imitações daquilo que não poderiam ser, mas buscavam se encaixar, mesmo que para isso se tornassem menor, diferentes.

Rancière (2020, p. 30-31) falou que “O princípio da delimitação externa de um domínio consistente de imitações é, portanto, ao mesmo tempo, um princípio normativo de inclusão.”, havendo uma diferença entre o que se poderia representar e o que era irrepresentável. A heteronormatividade constrói LGBTs que representam e performam de acordo com seus padrões de inclusão da virilidade ou de exclusão, a depender do que for julgado aceitável pela norma (MISKOLCI, 2020). Ao mesmo tempo, pode fingir aceitar pessoas dissonantes em seus desejos contanto que sua performance seja adequada ao que se tem proposto.

Jaguaribe então chama Butler (2020) para dialogar sobre como a representação da bicha que dá pinta, aquela chamada de afeminada é uma imagem de horror, abjeção, impossibilidade à criança *gay*. E assim a criança é levada a adotar, pela linguagem, uma postura heterossexual condizente, negando a possibilidade de performar de outra forma, de ser “viado”, por exemplo. Ela, Butler (2020), ainda julga pertinente recordar que não há como se pensar em performatividade sem pautar o raciocínio em ideias e ideais construídos por iterabilidade, repetidos socialmente até serem internalizados no corpo social e no corpo dos sujeitos.

De repente, surge Garnica (2008, p. 178) para falar sobre processos históricos, e alerta que “a origem não justifica a permanência”. Então, saiu, deixando os rios a refletirem sobre como se deu essa construção da heteronormatividade, quanto poderia ter doído menos se identificar com aquilo que consideravam abjetos, como poderiam ser eles mesmos. Com Foucault (2017b) nossos meninos puderam ver que refletir sobre a própria história permite um processo de libertação de suas crenças, de seu imaginário. Essa reflexão era uma dinâmica de permissão a ser diferente, sentir-se diferente, libertar o pensamento que habitava o silêncio.

Spargo (2019) confessa a nossos meninos que falar é uma forma de narrar a si e sobre si, enunciando temáticas como a sexualidade. Produz-se, assim, uma verdade, não absoluta ou

absolutista, mas, como o corpo, transitória, crescente, dinamizada. Ligada a um poder, está imersa numa rede discursiva que, pela linguagem, produz sujeitos, inconscientes individuais e sociais, compondo um imaginário a partir do real e um real a partir do imaginário. Butler (2021) fala que esse processo só se dá a partir da relação com aquilo que é diferente de si. Logo, essa unidade de si só se produz quando em contato com o outro, inclusive o outro que se é.

— *A palavra “viado” e seus sinônimos semânticos têm a força que atribuímos a ela, baseado numa rede de sentidos que existe em nós* – concluiu Jundiaí dentro da mente dos outros rios.

— *Se eu soubesse ontem o que sei hoje* – disse Potengi.

— *Não seria você. Não há como ser o mesmo depois de experienciar a vida* – retrucou Jaguaribe.

— *E a dor?* – questionava Jundiaí.

O que responder? Como se portar diante de tamanhas violências simbólicas, físicas, reais e imaginárias, logo, complexas, vividas por nossos meninos-rio? O processo de se descobrir, de se perceber, de se encontrar como *gays*, *bichas*, *viados*, *POCs* etc. já havia sido deflagrado e não havia como parar. Na infância, enquanto as pessoas conversavam ao redor, os olhares estavam sempre a fiscalizá-los, monitorá-los. Eles precisavam normatizar aquilo para sobreviver.

Era muito egoísta querer se permitir ser? Em algum momento de suas vidas eles puderam ser eles, sem represas, sem impedimentos de fluxos, sem controles de corpos? Será que, na adolescência ou na fase adulta, talvez? E durante o processo de formação de professores e na atuação docente? Essas são, no entanto, outros fluxos que não conseguimos aqui comportar ou optamos por não tentar represar no volume que nos foi permitido. Mas uma questão que fica é: o que somos nós nessa construção com o Outro que há entre e em nós?

Referências

BOLIVAR, A. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v.4, n. 1, p. 1-26, 2002.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helene Kühner. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v.6, n.11, p.12-16, 1.º sem. 2015.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, J. *Corpos que Importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BUTLER, J. *Os sentidos do sujeito*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CANAU, J. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2016.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhaon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhaon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhaon Albuquerque. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017c.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

GARNICA, A. V. M. *A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica - Cartografias do Desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GURGEL, L.L.; UZIEL, A. P. "E se essa Criança for Gay?": Heteronormatividade e homoparentalidade em cena. *PSI UNISC*, v. 3, n. 2, p. 17-34, 2019.

IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. de. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 273–292, 2014. DOI: 10.14244/19827199978. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LE BRETON, D. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LORENZATO, S. *Educação infantil e percepção matemática*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. 6. reimp. Petrópolis: Vozes, 2018.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. 1 reimp.. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MACHADO, L. Z. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 231-273, 1998.

MEDEIROS, M. D. *A escola rural e o desafio da docência em salas multisseriadas: o caso do seridó norterriograndense*. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGNOT, A. C. V. Decifrando o recado do nome: uma escola em busca de sua identidade pedagógica. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, v. 74, n. 178, p. 619-638, 1993.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. 1. reimp.. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P. “Eu Não Virei, Eu Nasci”: discutindo a Afeminofobia a partir da figura do gay e do menino afeminado. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, v. 7, n. 2, p. 242-262, 2020.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PINTO, A. H. A Base Nacional Comum Curricular e o Ensino de Matemática: flexibilização ou engessamento do currículo escolar. *Bolema*, v. 31, p. 1045-1060, 2017.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Editora 34, 2020.

SILVA, L. T. Indiferenciação por identidade: de história e consciência de classe à dialética do esclarecimento. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 7, n. 15, p. 255-283, 2019.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. *Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SPARGO, T. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

THIESEN, J. S. Currículo Interdisciplinar: contradições, limites e possibilidades. *Perspectiva*, v. 31, n. 02, p. 591-614, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n2p591>. Acesso em: 14 dez. 2022.

TORRES, M. A. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola*. Belo Horizonte: Autêntica; Ouro Preto: UFOP, 2010.

VINUTO, J.; ABREO, L. O.; GONÇALVES, H. S. No fio da navalha: efeitos da masculinidade e virilidade no trabalho de agentes socioeducativos. *Plural*, v. 24, n. 1, p. 54-77, 2017.

Recebido em março 2023.

Aprovado em maio 2023.